A INTERPRETAÇÃO CÊNICA

Se é certo que acima de tudo há que apreciar a qualidade do canto no teatro lírico, menos certo não é que se completa o canto com a interpretação cénica. No fundo estamos em pleno teatro.

E o teatro foi exemplarmente desempenhado. Todos os Artistas procuraram desenhar bem os personagens que encarnavam, e o desenho foi bom.

Se algo temos que distinguir — vá lá — chamamos para o 1.º plano o quarteto do 3.º acto, dos mais difíceis, pois tão distintas são as posições dos dois amorosos pares, e a seguir o quadro bulhoso que a irrequieta Muzette movimentava «Quando me voi soletta per la via», que o publico aplaudiu, pela maneira como Dolores Torrento a cantou e sentiu.

O CANTO

Lauri Volpi foi o cantor da noite. Um grande tenor. Logo no 1.º acto, nas suas primeiras frases soltas, a doçura da sua voz conquista a assistência.

«Che gelida manina» foi arrebatante, mórmente quando a plena voz lançou uma projectura que fez vibrar o público de tal sorte que nos vimos privados do maravilhoso remate da ária.

Do princípio ao fim sempre Lauri Volpi manteve a frescura, a clareza, a força maleável da sua voz, cristal transparente que não precisa de artificios para espalhar quantas emoções elle quere que ela exprima. Sonhos, sofrimentos, vibrações, queixas, soluços, dôres e alegrias, tudo ele interpreta a rigor sem que seja preciso modificar registos, prender a voz na garganta, lançá-la num fio ou desfiá-la por truques velhos mas de efeitos fáceis e garantidos.